



REPS - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Estudos Decoloniais

Sinop, v. 13, n. 3 (34. ed.), p. 492-502, ago./dez. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps>

DOI: 10.30681/2236-3165

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA NO MUNICÍPIO DE SINOP/MT¹

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN PANDEMIC TIMES IN SINOP/MT

Glenda Vilena Lisboaⁱ

RESUMO

Este trabalho aborda o tema da violência contra a mulher em tempos de pandemia no município de Sinop/MT, com o objetivo de realizar um levantamento de dados e mostrar a importância de se discutir sobre esse assunto em qualquer ambiente. Os autores que embasaram teoricamente a pesquisa foram Maria Aparecida Medrado, Jayme Paviani e a abordagem foi qualitativa, por meio de questionários aplicados a dez mulheres da cidade, no segundo semestre de 2021. Os resultados apontam os tipos de violência doméstica sofridas pelas mulheres e que há a necessidade de aplicabilidade de punições mais rigorosas em relação aos agressores.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Sinop. Pandemia.

ABSTRACT²

This paper explores the issue of violence against women in times of pandemic in Sinop/MT, in order to conduct a survey of data and show the importance of discussing this issue in any environment. The authors who theoretically grounded the research were Maria Aparecida Medrado, Jayme Paviani and the approach were qualitative, through questionnaires applied to ten women in the city, in the second half of 2021. The results indicate the types of domestic violence suffered by women and that there is a need for more rigorous punishments for aggressors.

Keywords: Violence. Woman. Sinop. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

No contexto histórico e cultural da sociedade, nota-se que as mulheres, apesar de estarem presentes e registradas no processo de construção, evolução e

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA** sob a orientação do Dr^a. Ivone Jesus Alexandre, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2022/2.

² Resumo traduzido para língua inglesa por Joelinton Fernando de Freitas. Graduado em Letras Português e Inglês pela UNEMAT/Sinop e Mestre em Letras pela mesma instituição.

E-mail: joelinton.freitas@unemat.br.

desenvolvimento da humanidade, historicamente quase sempre são negligenciadas e associadas a seres inferiores e frágeis. Portanto, para compreendermos os problemas enfrentados pelo grupo feminino desde tempos remotos e os que vivenciamos atualmente, é necessário considerarmos como se desenvolveu a história da mulher ao longo dos anos, visto que a cada ano que passa o número de agressões e os registros de violência vêm aumentando consideravelmente. Segundo reportagem de Alexandre Martello no G1³, “[...] no período de isolamento no ano de 2020 foram registradas pelo ligue 180 e pelo disque 100 mais de 105 mil denúncias de violência contra a mulher neste mesmo ano”.

O tema apresentado nesse trabalho foi motivado por vivenciar esse tipo de experiência ao longo de minha infância. Eu não era a vítima, mas convivia com quem era vítima desse tipo de violência. Por isso, temas que envolvem questões relacionadas à violência contra mulher precisam ser pautas dos debates sociais e do conteúdo escolar, seja em tempos normais ou em tempo de pandemia.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral conhecer a realidade a respeito da questão relacionada à violência contra a mulher nos aspectos psicológicos, sexuais e físicos, visando desvelar os fatores que contribuíram para o crescente aumento dos registros de casos durante o período de isolamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19, no Brasil, e de forma específica no município de Sinop, no estado de Mato Grosso.

Metodologicamente, a coleta de dados foi realizada por meio de questionários virtuais com algumas moradoras do município de Sinop no segundo semestre de 2021. A estrutura consistiu em abordagem qualitativa a partir da leitura de pesquisas disponíveis em sites – revistas, artigos, reportagens, dentre outros e livros. Para análise e interpretação do conteúdo em estudo, adotamos uma perspectiva teórico-metodológica ampla e flexível, buscando as contribuições em autores que dialogam sobre a violência doméstica.

Para tanto, o artigo apresenta, na primeira parte, uma abordagem sobre o conceito de violência. Logo em seguida, abordamos a Mulher e a Violência de

³ MARTELLO, Alexandre: **Brasil teve 105 mil denúncias de violência contra mulher em 2020; pandemia é fator, diz Damares.** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/07/brasil-teve-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020-pandemia-e-fator-diz-damares.ghtml>. São Paulo, G1 Notícias, 7 mar. 2021. Acesso em: 24 jun. 2022.

Gênero, descrevemos a Lei Maria da Penha e, após, elencamos os diversos tipos de violências contra a mulher, descrevendo as abordagens conceituais e regulamentares. Em seguida, apresentamos a metodologia do trabalho e, por último, analisamos os resultados obtidos pelas entrevistas e respostas dos questionários realizadas com algumas moradoras do município de Sinop-MT.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo dos anos, diferentes termos foram utilizados para conceituar a palavra violência. Tal esclarecimento sobre o conceito torna-se importante para discussão desse trabalho, pois, para compreendermos de forma mais clara esse fator que é a violência contra a mulher, precisamos ampliar o sentido e sair do senso comum que temos sobre a violência, uma vez que, assim como a cultura, a sociedade e as formas de relação entre as pessoas sofrem alterações com o tempo, e os conceitos das palavras também podem ter variações em seus significados. O autor Paviani (2016, p. 8) compartilha dessa colocação, quando afirma que: “Essas características gerais do conceito de violência variam no tempo e no espaço, segundo os padrões culturais de cada grupo ou época, e são ilustradas pelas dificuldades semânticas do conceito”.

Dessa forma, Paviani (2016, p. 8) afirma que: “A violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros”.

Assim, a violência é o uso da agressividade e da força, para ameaçar ou incumbir algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico. Nesse sentido, consideramos que a violência compõe parte do cotidiano da humanidade e se internalizou nas relações e na construção da sociedade em seu contexto histórico, social e cultural, permeando âmbitos familiares, escolares e profissionais. Sendo assim, a mesma não distingue classe social, cor de pele ou gênero.

Cabe ainda destacar que no **Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde**, publicado em 2002, após pesquisa realizada, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresentou a definição da violência como:

[...] uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p. 27).

Para Medrado (2002, p. 64), “A violência contra a mulher é um fato antigo, produzido na matriz das relações sociais, onde estão assentadas as relações entre homens e mulheres, onde a manifestação das relações de poder foi historicamente construída de forma desigual”. Isso nos mostra que esse problema social é um fenômeno que já ocorre há muito tempo.

As Nações Unidas, na declaração referente à erradicação da violência contra as mulheres, definiram que: “Qualquer ato de violência apoiado no gênero que produza ou possa produzir danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais na mulher incluindo as ameaças, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade tanto na vida pública como na privada” (ONU, 1993).

De acordo com Medrado (2002), para compreender a violência de homens contra as mulheres a partir da perspectiva de gênero, “é preciso incluir análises sobre os processos de socialização masculinas e os significados de ser homem em nossa sociedade”, ou seja, compreender esse processo histórico de aceitar que homens não podem expressar seus sentimentos, ou, quando expressam, serem vistos como fracos. Assim, tornou-se culturalmente acatado a compreensão que o homem não poderia ser frágil e, por conta disso, ele poderia expressar seus desgostos em sua mulher e esta deveria sucumbir a ser o objeto em prol da união.

Falar sobre violência contra a mulher, atualmente está reconhecido como um tema de preocupação internacional, no entanto isso nem sempre foi assim. Como já dito anteriormente, tudo era mantido em discrição por suas famílias e as mulheres eram levadas a aceitar todas as formas de agressões. Essa recente percepção e consciência foi fruto de um trabalho incansável e articulado de diversos grupos, sendo os movimentos de mulheres e movimentos feministas, os principais responsáveis por divulgar a dor, o medo de gerações de mulheres e famílias que mantinham tudo em sigilo.

Debater o tema da violência contra mulher é de extrema importância, pois quando as agressões ocorrem causam efeitos impossíveis de desfazer na vida da mulher, também há necessidade de buscar apoio da rede de proteção para que

diminua o ciclo de violência ou se punam os agressores e garantam saúde e bem-estar às vítimas.

2.2 Metodologia

A pesquisa ocorreu inicialmente com levantamento de textos bibliográficos sobre o tema para nos possibilitar a compreensão da formação social e por consequente a visão do lugar que a mulher ocupa na sociedade.

Após abordarmos a discussão histórica e cultural analisamos os números de casos de violência contra as mulheres registrados no município de Sinop. Cidade situada na região centro oeste do Estado de Mato Grosso. Devido o período de isolamento e distanciamento social, não foi possível realizarmos a pesquisa presencial.

As mulheres selecionadas para as entrevistas e questionários foram escolhidas através de uma roda de conversa que ocorreu em um projeto da universidade e quando propus esse tema algumas mulheres que estavam ao meu lado logo manifestaram que tinha interesse em contribuir com minha pesquisa e outras foram indicadas por essas mesmas, sendo singular entre elas que sofriam violência.

Para compor a análise de dados utilizamos os resultados obtidos em entrevistas e respostas dos questionários que ocorreram nos meses de junho e julho de 2021 em momento de pandemia, por esse motivo, realizamos as entrevistas e questionários via *WhatsApp*. No total 10 mulheres concederam as entrevistas. 6 mulheres apenas responderam ao questionário elaborados no word e devolvidos pelo *WhatsApp*. Todas autorizaram a utilização dos dados para compor a análise para este trabalho de conclusão de Curso. O questionário foi pré-estruturado e continha um total de dez perguntas abertas. O questionário teve por objetivo coletar dados sobre as mulheres pesquisadas para saber as opiniões sobre a temática e sugestões de como tratar o tema violência contra a mulher.

Para atender o objetivo da pesquisa que tem por base a violência contra as mulheres em tempos de pandemia buscamos mulheres de todas as classes econômicas e o perfil das mulheres era idade média de 19 a 48 anos, todas residente na zona urbana da cidade de Sinop/MT. Sendo que 4 possuíam o ensino

médio completo. 2 com ensino superior completo, uma cursando o ensino superior e três não tinham o ensino fundamental completo. Todas as pesquisadas tinham trabalhos remunerados e realizavam ativamente de forma autônoma ou como funcionárias de algumas empresas. Apenas duas das 10 entrevistadas possuíam renda acima de três salários mínimos.

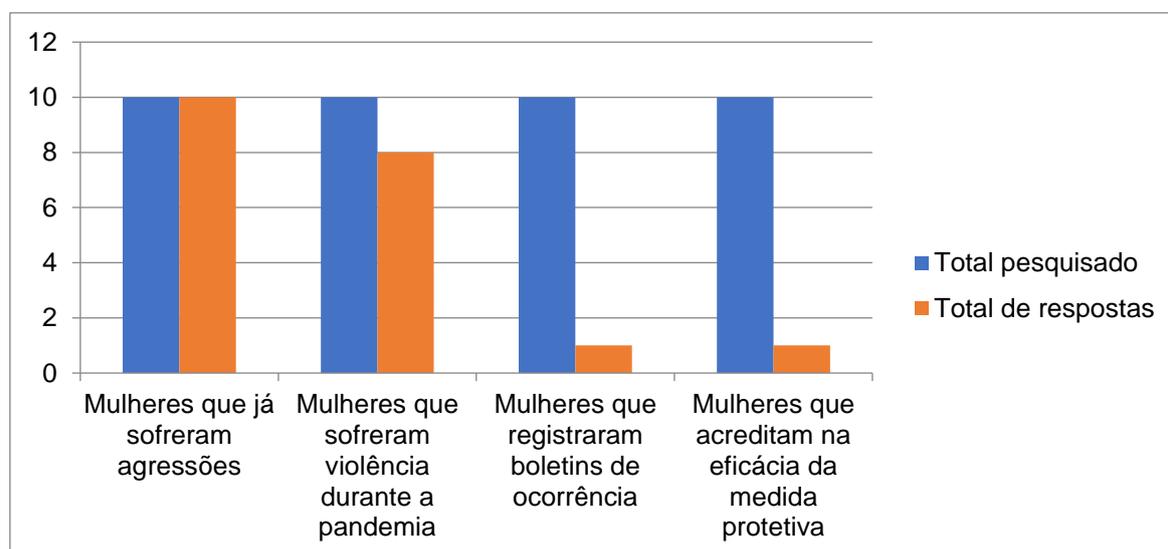
Dentre as 10 que foram entrevistadas, 6 estavam em um relacionamento, seja no casamento ou namoro. As outras 4 afirmaram estar solteiras. Todas tinham filhos, 3 tinham filhos acima de 18 e 7 possuem filhos menores de idade.

Para preservar a identidade das pesquisadas utilizaremos as abreviações como M1 (mulher um) M2 (mulher dois) e, assim, sucessivamente. Tendo como objetivo não tornar o texto e os dados repetitivos mantivemos as transcrições conforme foram pronunciadas e/ou escritas.

2.3 Resultados da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com (10) dez mulheres residentes no município de Sinop/MT no 2º semestre de 2021. Para preservar a identidade das pesquisadas, utilizaremos as abreviações como M1 (mulher um) M2 (mulher dois) e, assim, sucessivamente, e mantivemos as transcrições conforme foram pronunciadas e/ou escritas.

Inicialmente iremos representar os dados coletados através do gráfico demonstrativo onde estão relacionadas algumas das perguntas realizadas.



Conforme mostra o gráfico, relativo às respostas das seis mulheres que contribuíram com o questionário no município de Sinop/MT, percebemos que todas passaram por agressões e que, diante dessas violências, oito das dez mulheres sofreram violência durante o período de pandemia, ou seja, vêm a demonstrar o que outras pesquisas em alguns estados também vêm relatando, o aumento da violência durante o período de isolamento. O que torna agravante é o fato de não ser necessariamente o isolamento social o motivo do início das agressões, mas sim, a intensidade que ocorreram e a agressividade que desencadearam.

Em seguida, questionamos se elas sofreram algum tipo de agressão durante o isolamento social ocasionado pela Covid-19 e se as mesmas já sofriam antes da pandemia algum tipo de violência por seu parceiro, seja por forma física (como, por exemplo: um tapa, puxão de cabelo, um soco), ou de forma psicológica, através de palavras depreciativas ou humilhações em público.

(01) RESPOSTA M1: Sim, já tive agressão tanto física quanto psicológica. Umas das nossas maiores brigas ocorrem dentro de casa quando meu emprego fechou.

(2) RESPOSTA M2: Sim, com palavras que me diminuíram.

(3) RESPOSTA M4: Sim, em festas por ciúmes, uma vez cheguei ser arrastada para fora de um evento.

(4) RESPOSTA M6: Sim, verbal com xingamentos em públicos e em casa. Antes da pandemia e depois da pandemia.

(5) RESPOSTA M9: Algumas vezes, com palavras ofensivas.

Em seguida, questionamos às entrevistadas se, após sofrerem agressões, registraram ou pensaram em registrar um boletim de ocorrência contra seus companheiros na delegacia e, em caso afirmativo, a explicarem como foi todo o processo, se foram ou não bem acolhidas pelos órgãos de segurança pública.

(6) RESPOSTA M3: Sim, tenho um amigo policial mandei mensagem pra ele pedindo socorro e ele mandou a PM na minha residência, porque se eu ligasse e ele visse seria pior, tive muita ajuda da polícia e fui muito bem acolhida por eles fiz boletim de ocorrências.

(7) RESPOSTA M4: Não, pois, no meu ponto de vista com relação às medidas protetivas o B.O. não passa de um papel, já que em grande maioria dos casos a justiça não se aplica.

(8) RESPOSTA M2: Não por medo porque de represálias.

(9) RESPOSTA M9: Não.

(10) RESPOSTA M5: Das brigas que tivemos não foi necessário fazer boletim, foram brigas de ciúmes da parte dele e da minha, nada de agressão.

Questionamos se elas acreditam nas medidas protetivas para as vítimas de violência doméstica, se acham que elas realmente funcionam, ou seja, se as mulheres sentem-se protegidas contra seus agressores após realizarem as denúncias.

(11) RESPOSTA M1: Acredito que funciona no começo, que não é todo tempo que a policial está à disposição pra atender todas.

(12) RESPOSTA M4: Não, pois mais uma vez a medida protetiva quanto ao distanciamento é falha, o ato acontece e nem sempre somos ouvidas.

(13) RESPOSTA M6: Não porque eles vão preso, e quando eles saem a cadeia ele volta pra querer agredir de volta a sua parceira.

(14) RESPOSTA M9: Medidas protetivas não funcionam no meu modo de pensar. Quantas mulheres que têm a medida protetiva e ainda são mortas por seus parceiros.

(15) RESPOSTA M2: Acredito que sim, pois aqui no Brasil é uma das poucas leis que realmente funciona.

Quanto a se sentirem seguras quanto às medidas protetivas, temos aqui apresentado o que as pesquisas mundiais nos relatam quanto às mulheres não se sentem seguras, podemos relacionar até a própria Lei Maria da Penha, na qual a vítima símbolo para a criação da lei já havia feito várias denúncias e a justiça não a atendia com segurança. As mulheres não se sentem seguras, por falta de confiança nas instituições públicas responsáveis, pois estas carregam vestígios da ideologia patriarcalista.

Questionamos as nossas pesquisadas, na opinião delas, quais as medidas protetivas e de prevenção poderiam ser tomadas para que o número de mulheres agredidas diminuísse em nosso município.

(16) RESPOSTA M3: Na minha opinião, acredito que nós mulheres temos de começar pela gente, por exemplo eu fui agredida várias vezes, dei parte na polícia e depois ainda voltei com ele. Por medo, então nesse caso temos que coloca um basta.

(17) RESPOSTA M4: Uma medida cabível para redução do número de agressões seria a conscientização de nós mulheres percebermos no início de um relacionamento que somos capazes de viver uma vida onde o respeito é mútuo, pois, quando no início de algo já somos atacadas verbalmente, precisamos identificar que isso pode evoluir para uma futura agressão física.

(18) RESPOSTA M2: Que eles fossem presos condenados e sem fiança

(19) RESPOSTA M9: Pena de morte ou prisão perpétua

(20) RESPOSTA M5: Castração química e prisão perpétua. Os homens que agredem suas mulheres sabem que as leis do Brasil têm brechas, então se houvesse algo mais forte, talvez eles pensassem bem antes de agredir as mulheres.

As medidas protetivas se destinam a garantia e segurança da mulher para que esta tenha liberdade para proceder de forma livre ao procurar a proteção do Estado, especialmente, a jurisdicional, contra seu provável agressor, para evitar a violência e garantir a proteção da vítima, assegurando o cumprimento da norma. A Lei Maria da Penha instituiu várias medidas protetivas de urgência (MPU) com o intuito de coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher e para que sejam concedidas, é necessária a apuração de condutas que caracterizem essa violência praticada no ambiente das relações familiares e domésticas dos implicados nesse processo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada iniciou ainda em 2021 com pesquisa bibliográfica sobre o tema, seguido das entrevistas realizadas com moradoras do município de Sinop/MT. Essas entrevistas serviram de base para construir um gráfico demonstrativo que veio a fortalecer a visão que a realidade das violências não está apenas em grandes cidades metropolitanas.

Os dados apresentados mostram que na cidade de Sinop/MT a cultura patriarcal ainda é muito presente em nossa sociedade e prevalece em muitos contextos, desestruturando muitas famílias e silenciando o sonho de muitas mulheres. Apresentamos num total de 6 pesquisadas que colaboraram com o questionário e todas elas relataram sofrer algum tipo de violência por seus companheiros e o fato este que não é atual, mas ainda as mulheres permanecem inseguras quanto às questões de leis que possam protegê-las de seus agressores. Mesmo após uma longa luta dessa classe pela conquista de seu espaço na sociedade, no mercado de trabalho alavancados pelos movimentos de luta feminista e no âmbito direito e das políticas públicas que visam resguardar sua integridade e garantir seus direitos, dentre outros. A violência contra a mulher consiste em uma das principais violações dos direitos humanos e no cenário brasileiro muitas mulheres sofrem violência constantemente, sem contar, as que vêm a serem assassinadas por seus parceiros. Muitas dessas mulheres que sofrem agressões se sentem envergonhadas e escondem essa triste realidade, pois são ameaçadas e vivem com medo de seus companheiros.

Nessa pesquisa verificamos que é preciso a celeridade quanto à aplicabilidade da Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) com relação à punição rigorosa dos agressores que praticam a violência, promovendo condições para a eficiência no cumprimento da Lei contra os prováveis agressores no contexto doméstico e familiar. Tendo em vista que a lei não é ineficiente, por ser uma Lei que apresenta um amparo muito consistente.

Verificamos diante tanto da parte teórica quanto da pesquisa de dados que os índices de violência contra as mulheres ainda permanecem e tendem a um aumento no período de isolamento. Para que haja uma eficiência das políticas públicas direcionadas para a proteção das vítimas de violência doméstica é necessário que todos os discursos de quem estejam à frente das principais governanças sejam unificados a favor sempre da proteção e do bem estar da sociedade.

REFERÊNCIAS

MEDRADO, Maria Aparecida. Representante da Presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. **Depoimento em audiência pública realizada em 16 de maio de 2000**. In. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Comissão Especial Combate à Violência. *Relatório Final*. Brasília, 2002.

PAVIANI, Jayme. **Conceitos e formas de violência**. In. MODERNA, Maura Regina. (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso: 15 maio 2021.

BRASIL. **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso 20 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração sobre Eliminação da Violência contra as Mulheres**: Viena; Convenção de Cairo; 1993.

Recebido em: 15 de outubro de 2022.

Aprovado em: 22 de novembro de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10540/7308>

ⁱ Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN). Sinop, Mato Grosso Brasil. E-mail: glenda.lisboa@unemat.br.